Afastando a óptica de ilusão nos estudos do homem negro brasileiro: em busca de novas ferramentas para os estudos de gênero com Matthew Pettway

Matthew Pettway (Universidade do Sul do Alabama)

Entrevistadoras

Danielle da Silva Leal (UERJ)

Hanny Saraiva Ferreira (PUC-Rio)

PALIMPSESTO

1) Com base em suas pesquisas acadêmicas, gostaríamos que você comentasse um pouco sobre as *impossibilidades de florescimento de uma masculinidade negra* no Brasil.

MATTHEW PETTWAY

É bem sabido que Portugal e seus vassallos brasileiros – que se tornaram cúmplices da Coroa após a independência de 1822 – traficaram 5,8 milhões de africanos ao hemisfério ocidental. Mas ignora-se que a grande maioria desses africanos – dois terços dessas vítimas – eram pessoas do sexo masculino. Uma das contribuições mais notáveis nos últimos anos é o neologismo “não-homem” acunhado pelo filósofo afro-estadunidense Tommy Curry. O conceito de “não-homem” serve para contemplar o fato de que o patriarcado branco identificava os africanos do sexo masculino como a maior ameaça à supremacia branca e os construiu como animais irracionais. O livro *O Não-Homem* foi publicado em 2017 em inglês, mas, pela falta de tradução, ainda é desconhecida na academia brasileira. Deve ser possível superar essas barreiras teóricas para alcançar uma audiência luso-falante no Brasil, Portugal e Angola, entre outros países africanos. Mas eu não quero implicar de forma nenhuma que a construção de “não-homem” faça impossível o florescimento de uma masculinidade negra, embora isso fosse a intenção do patriarca fazendeiro. Abundam exemplos concretos na etnohistória brasileira que apontam a criatividade dos homens africanos no meio opressivo. Os escravizados e ex-escravizados construíram novas práticas culturais que criassem espaço para uma masculinidade não hegemônica, quer dizer, não eurocêntrica, nem cristã, nem imperialista. Daniel Santos demonstrou na sua pesquisa que a capoeira criou

espacialidade para a “invenção de novos códigos, simbologias, posturas e comportamentos masculinos” por parte dos homens negros. E existem outros espaços e práticas, como os quilombos, onde Zumbi segue sendo a figura mais louvável desta história da resistência, e o samba, que produziu figuras como Cartola e Donga, outro exemplo não menos importante. Tudo isso quer dizer que o homem branco não pode impossibilitar a masculinidade negra, a menos que os homens negros deixem isso acontecer.

PALIMPSESTO

2) Aproveitando o gancho da pergunta anterior, de que forma poderíamos ampliar a discussão sobre *a vulnerabilidade dos homens negros* e, conseqüentemente, mudar as narrativas estereotipadas construídas até então?

MATTHEW PETTWAY

Para ampliar a discussão sobre a vulnerabilidade dos homens negros, o público leitor deve parar de associar exclusivamente o conceito de gênero com as mulheres. Nos círculos acadêmicos, pensar o gênero significa contemplar a vida feminina em oposição aos homens, quer dizer, o homem, independentemente da sua raça ou da classe social, é primeiramente o opressor, e a mulher é a vítima perpétua. Eu acho que existem maneiras para suplantar essa dicotomia equívoca e analisar as vulnerabilidades dos homens e mulheres negras de uma forma que produza resultados empíricos. Em outras palavras, a história deve desempenhar um papel maior na crítica literária para produzir leituras que não invisibilizem o contexto histórico. Primeiramente, é preciso uma redefinição do patriarcado a partir de obras teóricas como “Gender, Power and Politics”, de Errol Miller, e a hipótese do homem subordinado acunhado por Jim Sidanius e Felicia Pratto. Acertando ambas as definições, insisto que *o patriarcado* não é a dominação de todas as mulheres pelos homens, é uma rede de parentesco no qual os homens e as mulheres do grupo dominante subjagam os homens e as mulheres dos grupos racialmente subordinados. Nessa rede, os homens idosos exercem poder (e influência) sobre as mulheres, os jovens e os meninos. O patriarcado tenta usar a mulher como recurso para a procriação da espécie humana, e, desta forma é necessária em todos os sentidos da palavra. Às vezes, a mulher subordinada pode ser integrada ao sistema patriarcal através do casamento heterossexual. Mas o homem do grupo racialmente subordinado é considerado como combatente em potencial que poderia agir contra o sistema. Por isso o

sistema patriarcal tenta afastar o homem subordinado da sociedade civil e, em alguns casos radicais, erradicá-lo completamente pelo encarceramento ou por serviço militar, como aconteceu na Argentina no século XIX. Ao mesmo tempo, a gente precisa estudar as obras que já foram publicadas por cientistas sociais brasileiros, a exemplo da de Rolf “Malungo” De Souza e Henrique Restier, homens negros com conhecimentos íntimos desta sociedade.

PALIMPSESTO

3) Como o primeiro bolsista Fulbright negro da Universidade do Sul do Alabama a pesquisar a cultura afro-brasileira *fora de seu país de origem*, quais são as implicações disso para a inovação e o desenvolvimento de novas ideias nos estudos culturais negros tanto na América do Norte quanto no Brasil?

MATTHEW PETTWAY

Sinto-me honrado por ter sido outorgado com a bolsa Fulbright para pesquisar a ética dos homens africanos e afro-brasileiros no século XVIII. Fiquei bastante surpreso ao saber que não havia tido outros bolsistas negros do Fulbright na Universidade do Sul do Alabama, porque quase 27% da população do Alabama – o estado onde nasceu meu pai – é afrodescendente. Primeiramente, eu gostaria de ver a publicação da minha nova pesquisa em português sobre a resistência dos homens negros estuprados nas fazendas oitocentistas no Brasil. Eu submeti um artigo inédito a uma revista acadêmica no Brasil na semana passada a fim de que minhas contribuições sejam conhecidas em solo brasileiro. Penso que a contribuição principal desta nova pesquisa, tanto em português quanto em inglês, seria colocar a ética da masculinidade afro-brasileira como o marco conceitual predileto para pensar a ontologia do homem negro brasileiro. Além disso penso em publicar outro trabalho, com tradução inglesa, com base nas palestras que ofereci na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Se a gente puder modificar as ferramentas teóricas que usamos para falar da masculinidade afrodescendente, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, poderíamos construir novos caminhos críticos. Há outros projetos em inglês que tenho em mente, mas ainda não quero falar abertamente disso.

PALIMPSESTO

4) Seu primeiro livro, *Cuban Literature in the Age of Black Insurrection: Manzano, Plácido, and Afro-Latino Religion*, discorre sobre as relações interseccionais de raça, identidade e resistência em Cuba. Gostaríamos que comentasse brevemente sobre a importância da poesia cubana para os movimentos sociais, culturais e políticos dentro do contexto latino-americano.

MATTHEW PETTWAY

A poesia de Juan Francisco Manzano (1797-1853) e Gabriel de la Concepción Valdés (1809-1844) cumpriram um papel destacado na luta abolicionista no século dezenove em Cuba. Entre 1821 e 1844, os poetas afro-cubanos produziram relativamente poucos poemas antiescravistas devido à censura espanhola de toda matéria impressa na colônia. Entretanto, as seguintes composições merecem a nossa atenção. “A escrava ausente” é um poema lírico de Manzano em que o poeta adota uma voz feminina da mulher escravizada para comentar a violência sexual contra as africanas. “A visão do poeta composta num engenho de açúcar” e “Um sonho ao meu segundo irmão” utilizam o sonho, o voo, o cemitério e a transfiguração como tropos literários de duplo sentido para aludir a uma presença espiritual afro-caribenha. Por outro lado, Valdés – mais conhecido por seu pseudônimo, Plácido – nasceu livre em 1809 e publicou mais poemas do que qualquer outro poeta cubano do século dezenove. Na sua compilação lírica, há relativamente poucas obras revolucionárias: “Havana Liberdade!”, “O juramento”, “O pequeno diabo”, e “A Nossa Senhora do Rosário” são alguns. A obra lírica de Plácido adotou um tom muito mais militante que a do Manzano, condenando a rainha por despotismo, fazendo juramentos traidores e fazendo alusões ao mundo espiritual afro-caribenho. Plácido tornou-se a maior ameaça ideológica para a Coroa Espanhola na metade do século XIX devido a sua poesia subversiva. Levando tudo isso em conta, acho que Plácido conseguiu maior celebridade na América Latina do que o seu contemporâneo alforriado, porque sua obra atraiu um público leitor póstumo no México, na Argentina e até nos Estados Unidos.

PALIMPSESTO

5) Com base em suas pesquisas com a literatura brasileira e cubana, quais personagens literários contemporâneos você destacaria que não performam os estereótipos esperados dos homens negros?

MATTHEW PETTWAY

Meu foco principal com relação à narração cubana contemporânea não é a ficção, é a literatura de testemunho. Levando isso em consideração, posso apontar os seguintes personagens masculinos afro-cubanos que não caem em estereótipos. Em *Reyita, sencillamente* – a história de uma mulher negra nonagenária – temos a representação de seu filho Monín como insurgente antitadadura que afrontou o regime de Fulgêncio Batista a favor do socialismo, mas faleceu tragicamente as mãos do império norte-americano num ataque terrorista. Nessa narração, Monín é um personagem corajoso, um arquétipo heroico negro um pouco parecido com o primeiro personagem das letras cubanas de Salvador Golomón, do poema épico *Espejo de paciencia* (1608), um soldado escravizado que defende a ilha dos corsários franceses. Devo sugerir outra obra de testemunho: *Biografía de un cimarrón*. *Biografía de un cimarrón* conta a história de Esteban Montejo um quilombola cubano que tornou-se insurgente lutando pela independência cubana na Guerra de 1895. Escrita em primeira pessoa pelo etnógrafo Miguel Barnet, o livro consegue superar os arquétipos, contando detalhes íntimos de sua autoemancipação, suas crenças, sua vida privada e sua espiritualidade afro-cubana.

Além desses exemplos textuais, quero destacar o filme cubano intitulado *Yuli*, que narra de modo autobiográfico a vida de Carlos Acosta, o primeiro dançarino afro-cubano que performou com o Royal Ballet em Londres. Embora a história contada no filme não seja ficção, acho muito importante pensar Acosta como personagem negro masculino por múltiplas razões. Considera-se o mundo da dança profissional, e particularmente o balé, como uma arte delicada, suave e mulheril. Entretanto, o filme autobiográfico constrói Acosta como um menino que gosta de dançar música pop de Michael Jackson, mas não quer nada com o balé, pois é considerado coisa de homossexuais. Seu pai, um homem negro proletário, insiste que o seu filho aproveite o seu talento para ser um grande artista. O filme usa a figura de Ogum, orixá da guerra, como o santo que está na cabeça do pai e do filho. Dessa forma, o filho aprende a canalizar a energia guerreira de Ogum para tornar-se o melhor dançarino cubano do mundo e perdoar o seu pai por abusar dele dessa forma, conseguindo um equilíbrio na sua concepção da masculinidade.

Eu conheço muito menos a literatura brasileira em geral. Entretanto acho que *Eles* – a coleção de contos de Vagner Amaro – oferece personagens masculinos que merecem ser estudados.

PALIMPSESTO

6) Levando em consideração o cenário do Brasil e da América Latina, como você observa as dinâmicas entre homens negros, brancos e não-brancos, tendo em vista a vulnerabilidade do homem negro na sociedade patriarcal e racista?

MATTHEW PETTWAY

Lamentavelmente, acho que não tenho conhecimentos suficientes da sociologia brasileira para responder esta pergunta.

PALIMPSESTO

7) Por que os estudos sobre a masculinidade negra não englobam as questões que permeiam a mulher negra e latino-americana? Diante do contexto de opressão do sistema patriarcal, como você observa o papel das mulheres negras nesse processo?

MATTHEW PETTWAY

A meu ver o objetivo dos estudos dos homens negros brasileiros e estadunidenses não é invisibilizar a mulher negra, é criar espacialidade teórica para a releitura do homem racializado. É preciso levar em conta que o tráfico negreiro representa uma grande ruptura nas definições da subjetividade africana, alterando dessa maneira o equilíbrio nas relações entre homem africano e mulher africana. Não quero dizer que existia uma harmonia social idealística entre os gêneros nos reinos africanos pré-coloniais, mas que havia uma complementariedade entre a esfera masculina e feminina na sua cosmologia e nas práticas culturais. Então, parece que o que existe no Brasil pós-emancipação, como uma comunidade negra, é um resíduo de traumas esquecidos, mas não sanados.

Como disse anteriormente, o patriarcado tenta usar a mulher para a procriação, ao mesmo tempo lhe negando o poder. Às vezes, a mulher subordinada pode ser integrada ao sistema patriarcal através do casamento heterossexual. Mas os homens do grupo racialmente subordinado são considerados como combatentes em potencial que poderiam agir contra o sistema. Por isso, o sistema patriarcal tenta afastar o homem subordinado da sociedade civil e, em alguns casos radicais, erradicá-lo completamente pelo encarceramento ou por serviço militar, como acontece no Brasil contemporâneo. Mas que, qualquer outra coisa, é uma questão de como as mulheres negras e os homens negros

podem construir uma complementaridade como base em um respeito mútuo como membros da mesma comunidade diaspórica.

Matthew Pettway: é professor associado de Espanhol na Universidade do Sul da Alabama, onde faz colaboração com o Programa de Estudos Afro-Americanos. Pettway ensina literatura latino-americana e afro-latino-americana. Em 2013, foi convidado à Universidade de Kansas, onde foi nomeado Langston Hughes Visiting Professor. Um ano depois, foi convidado a ser um pesquisador visitante na Universidade de Texas, onde investigou as Coleções de Estudos Latino-Americanos na Biblioteca LILAS-Benson. Em 2019, a Universidade Federal do Ceará convidou Dr. Pettway a dar uma aula de pós-graduação e oferecer uma palestra de abertura na conferência de estudos interdisciplinares. Dr. Pettway publicou seis artigos e capítulos de antologias avaliados por colegas. Sua primeira monografia, *Cuban Literature in the Age of Black Insurrection: Manzano, Plácido and Afro-Latino Religion*, foi publicada pela editora University Press of Mississippi. Pettway foi convidado a oferecer palestras acadêmicas sobre seu livro nos quatro continentes, visitando países tão diversos como Japão, Marrocos, Estados Unidos e Brasil. Sua maior honra foi o convite à Universidade do Estado do Rio de Janeiro como bolsista Fulbright 2024-2025 onde lançou um novo projeto sobre a ética da masculinidade africana na sociedade escravagista.

Danielle da Silva Leal: possui graduação em Letras – Português/Literaturas pela UERJ, especialização em Literatura Brasileira pela UERJ e mestrado em Literatura Brasileira pela UERJ. É doutoranda em Literatura Brasileira pela UERJ. Sua pesquisa tem como foco a produção literária de Eliana Alves Cruz. É integrante do grupo de pesquisa “Narrativas de Mulheres Negras como campo de investigação e universo estratégico para o enfrentamento do racismo institucional no SUS” da Fiocruz.

Hanny Saraiva Ferreira: possui graduação em Letras – Inglês/Literaturas pela UERJ, especialização em Editoração – Mercado do livro pelo IUPERJ/UCAM e mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. É integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre o Continente Africano e as Afro-diásporas – LEPECAD/PUC-Rio, onde pesquisa ficção especulativa e afrofuturista. Autora de quatro livros de ficção, é integrante do Coletivo Escritoras Asiáticas & Brasileiras.